

"É a umbanda do nordeste que traça com Jurema, caboclo, com o culto da pajelança e de outros cultos": uma análise da Umbanda Nagô no Grupo União Espírita Santa Bárbara (GUESB - Maceió/AL)¹

Andresa Monteiro Moreira (PPGAS/UFAL, Alagoas - Brasil)

Palavras-Chaves: Grupo União Espírita Santa Bárbara (GUESB); Umbanda Nagô; Umbanda traçada.

Introdução

Este artigo é um desdobramento da minha pesquisa de mestrado que focou na construção de teorias nativas acerca do chamado sincretismo afro-brasileiro no Grupo União Espírita Santa Bárbara (GUESB), um terreiro de Umbanda traçado com Nagô localizado na periferia de Maceió (AL). O terreiro foi criado por Mãe Neide Oyá D'Oxum, yalorixá da casa, em 1988 após ter tomado o seu Deká², mas ainda não se chamava pela atual designação e nem estava em sua atual localização, o Grupo União Espírita Santa Bárbara foi criado na comunidade do Village II no ano de 1993 conforme orientação da mentora de Mãe Neide, Vovó Maria Conga sua Preta Velha. O GUESB é um terreiro traçado, como se costuma dizer em Alagoas, para designar os terreiros traçados com mais de uma nação africana, ou de nação africana traçado com umbanda, como no caso do GUESB que é umbanda traçado com Nagô. Além do GUESB, Mãe Neide tem outro terreiro, o Ilê Axé Navizala, que fica localizado na Serra da Barriga em União dos Palmares, local onde fica o Parque Memorial Quilombo dos Palmares. Atualmente, nos dois terreiros, os dirigentes responsáveis são Mãe Neide e seu filho carnal João Paulo de Obaluaê, Pai Pequeno dos terreiros.

Contra-pondo-se a uma visão homogeneizadora da umbanda como religião resultante de uma confusão sincrética, procurei, a partir de uma pesquisa etnográfica, analisar os diversos atravessamentos externos e internos que constituem a Umbanda traçada com Nagô cultuada no GUESB. O meu trabalho de campo junto à comunidade durou de abril de 2023 a dezembro do mesmo ano, assim pude acompanhar alguns rituais, dias de funções, eventos festivos dentro do terreiro e registrar as diversas maneiras como se referiam a Umbanda Nagô praticada naquele espaço.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia que aconteceu entre os dias 23 a 26 de julho de 2024 em Belo Horizonte (MG).

² Obrigação de sete anos de iniciada no orixá.

A categoria *atravessamentos* é utilizada aqui para identificar as influências presentes nessa Umbanda traçada com Nagô e mostrar como diversas histórias se cruzam (Anjos, 2006) e reelaboram práticas cosmológicas.

Contexto sócio-histórico das religiões afro-brasileiras em Alagoas: o Quebra de Xangô de 1912

Como relata a historiadora Irinéia do Santos (2023), sobre a presença da religiosidade africana em Alagoas, data-se o século XVIII, em Maceió, do século XIX para o século XX. Não é possível falar em afro-religiosidade alagoana sem se debruçar sobre um dos maiores episódios políticos de perseguição às religiões de matrizes africanas no Brasil, que ficou conhecido como “Quebra de Xangô de 1912”. Um acontecimento brutal que incidiu nas formas de organização dos cultos em Alagoas.

O “Quebra de Xangô”, “Quebra-Quebra” ou somente o “Quebra” ocorreu entre a madrugada do dia 01 a 02 de fevereiro do ano de 1912 em meios aos preparativos dos terreiros para a louvação de Oxum que aconteceria em 02 de fevereiro nos terreiros da capital alagoana e dos festejos carnavalescos. Xangôs era a designação dada aos cultos africanos em Alagoas.

Havia em Maceió um clima tenso entre os oligarcas políticos locais, opositores de Euclides Malta, o governador do estado na época que estava há doze anos no poder, e seus apoiadores. Os opositores ao governo acusavam Euclides Malta, em matérias jornalísticas, de ser ligado à bruxaria e que se mantinha no poder através de trabalhos de “feitiçaria” de sua yalorixá, Tia Marcelina (Rafael, 2004). O clima tenso que existia intensificou-se e deu lugar à perseguições aos apoiadores do governador e invasão ao Palácio do Governo pelo grupo que ficou conhecido como “A Liga dos Republicanos Combatentes”.

A Liga era um tipo de milícia composta por ex-militares, comerciantes, operários e trabalhadores sindicais, foi criada em 17 de dezembro de 1911 e tinha como um dos principais articuladores o advogado Fernandes Lima³, candidato a vice-governador do candidato ao governo Clodoaldo da Fonseca primo do então Presidente da República Hermes da Fonseca, “a Liga estende sua indignação sobre os terreiros, por considerar que naqueles espaços religiosos, residia o vigor misterioso que garantiu durante tanto tempo a continuidade daquele político à frente do poder” (Rafael, 2004, p. 243).

³ Expresso meu repúdio por uma das maiores avenidas que liga a parte alta da cidade de Maceió à parte baixa leva o nome deste que estava à frente da Liga e foi responsável por essa brutal perseguição ao povo de axé.

O primeiro terreiro a ser invadido, foi o do pai de santo africano Chico Foguinho que ficava localizado em um bairro da parte baixa de Maceió, mas o “Quebra” estendeu-se para outros bairros da capital e cidades vizinhas. Durante, aquela madrugada, babalorixás, yalorixás e filhos de santos foram agredidos, artefatos religiosos roubados⁴ e alguns outros queimados em fogueiras feitas em via pública. Um desses terreiros invadidos foi o Terreiro de Tia Marcelina, considerada a yalorixá que cuidava de Euclides Malta.

O terreiro de Tia Marcelina era um dos mais antigos de Maceió, e segundo se dizia um dos mais frequentados por Euclides Malta no auge da campanha persecutória que contra ele armou a oposição. Era nesse terreiro que trabalhava noite e dia o seu “Xangô-bomim” para livrá-lo dos inimigos que queriam destitui-lo do poder. Diziam que o Governador, poucos dias antes de ser deposto convocara aquela mãe de santo, para uma conferência no Palácio dos Martírios, a fim de reclamar da ineficiência dos seus trabalhos, os quais não estavam surtindo efeito esperado, haja vista o avanço que a oposição vinha obtendo ultimamente, e para exigir mais empenho nos trabalhos contra o candidato da oposição. Por essa época, teria visitado a casa daquela mãe santo, para fazer-lhe uma nova consulta, com o intuito de saber o que lhe reservavam os búzios. O santo teria aparecido na cabeça de Tia Marcelina e informado ao Governador que naquelas próximas eleições, o candidato vencedor seria o opositor Clodoaldo da Fonseca (Rafael, 2004, p. 30).

Tia Marcelina morreu em decorrência de golpes sofridos na cabeça, enquanto apanhava, ela exclamava: “*Bate moleque, lasca cabeça, quebra perna, quebra braço, tira sangue, mas não tira saber*”⁵. Após a madrugada de horror, como resquícios do Quebra, os cultos afro-religiosos em Alagoas parecem “desaparecer”, muitos sacerdotes fogem para estados vizinhos, à exemplo de Pernambuco e Bahia. É em 1920 que há o início da retomada dos cultos, mas em novas configurações. Xangô Rezado Baixo⁶ foi o nome dado às novas formas de ritual nas quais os atabaques deram lugar ao bater de palmas e os cultos tomaram configurações domésticas.

Mãe Neide Oyá D’Oxum conta que a nomeação da umbanda praticada no GUESB é influência do período pós-Quebra de Xangô “Se falava umbanda aqui no nordeste, principalmente aqui em Alagoas devido ao Quebra de Xangô, então era uma forma de maquiagem um pouquinho para que não sofresse perseguição” (Moreira, 2024, p. 57).

⁴Cerca de 200 artefatos litúrgicos roubados durante o Quebra, formam a Coleção Perseverança que encontra-se atualmente no IGHAL – Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Pais e mães de santo, lideranças de terreiros em Alagoas, pesquisadores e militantes do movimento negro pedem o tombamento da coleção que foi formalizado em 2023 junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Ver: Fontes (2021) e Marcante (2023).

⁵ Documentário 1912- *O Quebra de Xangô*. Fala de Pai Maciel aos 14min. 17s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gnpy-dJSmkc>>. Acesso em 25 jun. 2024.

⁶ Existe em Maceió, desde o ano de 2006, o evento chamado Xangô Rezado Alto que reúne comunidades de terreiro, grupos de afoxé e maracatus em passeata pelas ruas do centro da cidade e adjacências em memória ao Quebra de 1912.

Passada essa breve contextualização, a qual será essencial para eu retomar alguns pontos mais a frente, trago adiante a formação religiosa de Mãe Neide, de seus avós e de sua mãe de santo que vivenciou o período recente do pós - Quebra de Xangô. As novas configurações de culto estão presentes nas gerações do avô e da mãe de santo de Mãe Neide que atravessam a Umbanda Nagô do GUESB.

Heranças de parentesco da família de santo

Maria Neide Martins, Mãe Neide, nasceu em 1962, foi feita no santo por Mãe Celina em meados da década de 1980. Mãe Celina, Maria Celestrina da Silva, nasceu em 1919, frequentava os terreiros desde 1923, aos quatro anos de idade, foi iniciada em 1956 aos 37 anos e faleceu em 27 de abril de 2020 aos 101 anos. Mãe Celina era filha de santo de Pai Rubílio que era filho de santo de Zé do Café. Acerca das práticas cultuadas por cada um dos antecessores de Mãe Neide, há algumas mudanças de ritos e nomenclaturas.

Bisavô de santo de Mãe Neide	Zé do Café	Curador de Pé de Toco
Avô de santo de Mãe Neide	Pai Rubílio	Nagô
Mãe de Santo de Mãe Neide	Mãe Celina	Umbanda do Nordeste
Fundadora do GUESB	Mãe Neide	Umbanda Nagô

Mas o que seria essa Umbanda Nagô? Mãe Neide fala que a Umbanda que ela cultua não é a Umbanda Branca de Zélio de Moraes. Como mencionado acima, ela diz que essa umbanda do nordeste seria uma forma de eufemizar o preconceito sofrido pós-Quebra de Xangô, dessa forma a sua umbanda é atravessada pelo culto nagô e outros cultos afro-indígenas.

Mãe Celina, eu digo que ela veio dessa questão de Umbanda, da Umbanda do nordeste, não daquela Umbanda de Zélio de Moraes, que era aquela umbanda branca de batinha. Se falava umbanda aqui no nordeste, principalmente aqui em Alagoas devido ao Quebra de Xangô, então era uma forma de maquiagem um pouquinho para que não sofresse perseguição. E é claro que eu segui. Ela dizia: “minha filha, sua Iansã é no Nagô, seu santo mais é no nagô”. Umbanda porque eu tenho meus pretos Velhos, né? E é umbanda do nordeste que traça com Jurema, caboclo, com o culto da pajelança e de outros cultos, né? (Moreira, 2024, p. 58).

Na umbanda Nagô de Mãe Neide há os cultos aos Pretos Velhos, Boiadeiros, Caboclos, Ciganos, Erês, Exus e Pombas Giras, culto à Jurema e aos orixás Oxum, Iansã, Nanã, Iemanjá, Obá, Ogum, Xangô, Omolu, Oxóssi, Ossaim, Tempo, Oxumarê.

Os Pretos Velhos são entidades muito importantes na construção do axé da casa de Mãe Neide, inclusive, sendo a festividade mais importante do GUESB, todo dia 13 de maio é celebrada a Feijoada da Vovó Maria Conga, mas a preparação da festa começa dias antes com a reza do terço, “o rosário” e a preparação da feijoada durante a madrugada. Os Pretos Velhos também são entidades que, segundo meus colaboradores de pesquisa, propiciam as interações entre santos católicos e orixás no terreiro, pois são “entidades sincretizadas”(Moreira, 2024, p. 52).

Além disso, há no GUESB os toques para Exus e Pombas giras; a preparação da Jurema como bebida ritualística da festa do Boiadeiro que é comemorada em janeiro no Ilê Axé Navizala; louvação aos ciganos; a festa dos erês; os toques para os orixás, a festa com saída de todos os orixás; as festas ou louvações para cada orixá em seu mês de comemoração e uma das principais que é a festa de Iansã e Santa Bárbara que acontece todo mês de dezembro.

Nação Nagô em Alagoas

O nagô é um culto de origem de yorubá que remonta a região da Nigéria e do Benin no continente africano. Foi considerado pelos estudiosos afro-brasileiros um dos candomblés com ritos africanos mais “puros”, “é porém evidente que os candomblés Nagô, Queto e Ijexa são os mais puros de todos, entre as nações africanas aqui no Brasil” (Bastide, 1938, p. 15). A escrita desse trabalho não trata de colocar em dicotomia e classificar tradições entre puras e misturadas, mas sim de tratar das reelaborações cosmológicas diante de contextos sociopolíticos e de contextos internos à casa de axé. Em Alagoas, o nagô era uma das nações mais praticadas durante o século XX e sofreu algumas modificações no culto e estigmatização pós-quebra de Xangô. O babalorixá e historiador Clébio Araújo aponta que “a marca típica do Nagô será sem dúvida a sua trajetória de repressão e estigmatização pública sofrida, tendo no Quebra seu marco histórico primordial, e que o colocará na periferia das religiões afros diante do olhar do Estado” (Araújo, 2009, p. 3). De acordo com Pai Benedito Maciel⁷, Tia Marcelina, vítima da Liga dos Combatentes durante o Quebra de Xangô, teria sido a yalorixá mais importante do estado porque fundou o Candomblé Nagô em Alagoas. Surgiu em campo até uma possível ligação da parentalidade de santo entre Pai Rubílio, avô de santo de Mãe Neide, e Tia Marcelina por os dois serem Nagô. Mãe Neide disse que sua mãe de santo, Mãe Celina, disse que Pai Rubílio “tinha uma ligação, tinha raiz” com Tia Marcelina

⁷ Ver documentário “1912- O Quebra de Xangô”. Fala de Pai Maciel aos 1min. 24s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gnp-dJSmkc>>. Acesso em 25 jun. 2024.

(Moreira, 2024, p. 108). Ainda, de acordo com Mãe Celina, seu pai de santo “tinha raiva da história do Quebra, não gostava de ver falar. Dizia que era um desrespeito, não pediam licença pra entrar e entrava quebrando tudo, pisando com os pés, [ele] alcançou isso, não gostava, tinha revolta” (Santos, 2023, p. 242).

Segundo, o Pai Pequeno João Paulo de Obaluaê, Pai Rubílio avô de santo de mãe sua carnal, era de tradição Nagô. A mãe de santo de Mãe Neide, Mãe Celina foi feita no santo por Pai Rubílio, mas sua tradição era umbanda com Nagô. Pai João Paulo de Obaluaê conta que:

O vô de santo da Mãe era Nagô e raspava⁸, já a mãe de santo da Mãe (Mãe Celina)... a mãe não foi feita raspada, Mãe Celina não raspava, pai Rubílio raspava. Entendeu? Então existe essa mudança. E o orixá dela (de Mãe Celina) era Nagô, ela sempre tocou a Umbanda dela e o Nagô. Então o que acontece a energia, ela tem uma afinidade maior com a Umbanda, era Umbanda Nagô, mas trazia esse peso da Umbanda que a Umbanda não raspa já diferente do Pai Rubílio, ele raspava e os orixás dele são totalmente feitos no Nagô antigo. E isso a Mãe traz isso essa questão de não raspar, mas foi esse momento histórico aí que houve essa mudança, essa eliminação (Moreira, 2024, p. 107).

Essa “eliminação” apontada por Pai João Paulo, seria então umas das consequências do Quebra de Xangô que modificaram o Nagô em Alagoas e que interferiu internamente nas formas de organização do GUESB já que Mãe Neide herdou de Mãe Celina não fazer o ritual de iniciação com a raspagem dos seus filhos de santo diferente de Pai Rubílio que era feito no “nagô antigo” e raspava seus filhos de santo. Embora esse ritual não seja feito por Mãe Neide, Pai João Paulo adverte “não tem como seguir um padrão, se orixá dizer "faça", "raspe", eu raspo!” (Moreira, 2024, p. 172). Mãe Neide também salienta que a forma de denominar a sua tradição é herança das práticas de seus ancestrais vô Rubílio e Mãe Celina que foram influenciadas pelo período pós-quebra de Xangô :

Olhe, é uma grande questão da nossa umbanda, eu digo que é umbanda do Nordeste é o Xangô Rezado Baixo, foi uma forma que se se achou de sofrer menos preconceito porque a Mãe Celina ela se dizia Umbanda Nagô porque meu avô de santo era Nagô puro, que era o vô Rubílio, mas mãe Celina tinha ferramenta, tinha ogã, tinha ekedi... então assim, eu digo que eu sou filha da Umbanda de Mãe Celina, da Umbanda Nagô de Mãe Celina. Lá ela não corta, não raspa, não acutila, mas o santo era na folha, o acaçá na cabeça era na folha, a camarinha existia, esteirinha existia, o preceito sempre existiu. Entendeu? (Moreira, 2024, p. 108).

Umbanda Nagô em Alagoas

É importante ressaltar que após o quebra de Xangô, com a fuga de babalorixás e yalorixás para os estados vizinhos, a retomada dos cultos em Alagoas volta a acontecer na década de 1920, ainda de forma muito tímida, em 1930 a 1950 há uma maior retomada,

⁸ Ritual de raspagem durante a feitura de santo.

inclusive com um maior número de notícias em jornais denunciando os cultos e uma mobilização da elite alagoana intermediando junto aos órgãos de segurança à liberação dos cultos (Santos, 2023, p. 51). É durante a década de 1950 que chega em Alagoas, a Umbanda Branca com uma ialorixá vinda do Rio de Janeiro. Seria essa a outra razão ainda pela qual o nagô teria sido modificado com as influências Umbanda Branca do Rio de Janeiro a partir daí que chegaria à Alagoas a Umbanda traçada com Nagô, um tipo de culto traçado que se estabeleceria no estado e que traria menos estigmatização ao culto Nagô. Como nos conta o Babalorixá Omitoloji Pai Célio, importante líder religioso em Alagoas:

Em 1957 [...] acontece uma coisa muito interessante que foi a vinda de uma ialorixá do Rio de Janeiro. Isso é muito importante se mencionar sempre em qualquer trabalho, porque isso mexeu com Alagoas. É uma ialorixá poderosa, poderosa que eu digo, branca, de nível social elevado. O esposo dela veio comandar o 20º BC que hoje é o 59º Batalhão de Infantaria Motorizada do Exército. Ela era feita em Umbanda, pronta em Umbanda. E ela trouxe a Umbanda pra cá. [...] Ela introduziu em Alagoas a Umbanda do Rio de Janeiro. E as pessoas, tudo que é novo, quer conhecer. Muita gente entrou na casa dela e saiu e misturou na sua casa a Umbanda com candomblé, com o Xambá, então ficou chamado o “xangô traçado” ou o “nagô traçado”. (Santos, 2023, p. 253-254).

Segundo os antropólogos Cavalcanti e Rogério, em pesquisa realizada em 2007 tinha-se em Maceió 109 terreiros que se denominavam nagô, 52 como umbanda e 11 como nagô com umbanda (Cavalcanti e Rogério, 2008, p. 4). Mas esse número não dá conta de explicar toda a dinâmica das religiões afros na cidade, já que essas denominações nem sempre são fixas. Pude observar isso em meu trabalho de campo que algumas vezes o termo Umbanda Nagô dava lugar a “nagô com umbanda”, ou “umbanda do nordeste”, ou “umbanda traçada” ou ainda “um culto próprio”. Para Cavalcanti e Rogério (2008, p. 3), “em cada período histórico é possível encontrar inclinações para um lado ou outros dos polos que distinguem um culto ‘puro’ ou um culto dito ‘nagô’, mas em outras épocas essa afiliação se mostrará negativa”. Outro dado trazido pelos pesquisadores é que a “umbandização” também se dá de acordo com destaque ao culto, ou no sentido de usar como sinônimo para uma diversidade de práticas e até do candomblé, ou ainda pelo fato de ter a existência ou não sacrifício de sangue (sacrifício de animais de duas ou quatro patas) no terreiro (Cavalcanti e Rogério, 2008, p. 2). No caso específico do GUESB, há a sacralização animal (Moreira, 2024, p. 105).

O que é importante destacar é que não há uma forma única de umbanda como sugere o mito da criação da umbanda que estabeleceria a instituição de uma nova religião a partir daquela data em que Zélio de Moraes recebe o Caboclo das Sete Encruzilhadas em 15 de novembro de 1908 (Oliveira, 2013). Mãe Neide faz questão de pontuar que sua

Umbanda não é essa “umbanda branca de batinha” e sim a “Umbanda de Mãe Celina” (Moreira, 2024, p. 57). Para Pai João Paulo de Obaluaê, essa umbanda anunciada em 1908 pelo médium Zélio de Moares anulou diversas entidades e práticas do culto umbandista, práticas rituais e de curas já aconteciam antes mesmo do estabelecimento dessa “nova religião”.

O que acontece com o surgimento dessa umbanda, houve uma barreira aí, eles criaram uma limitação e excluíram uma porrada de entidade. Antigamente existia, como aqui no Brasil, se cultuava tudo dentro de uma casa, eles não, eles criaram a umbanda, deram esse nome e excluíram os exus, aí depois você vai ver, você vai procurar, acha a quimbanda, essa linha que foi isolada, que foram expulsas, eles denominaram aquilo de umbanda e tiraram aquelas divindades, onde todo aqueles iniciados, aqueles praticantes cultuavam aquelas divindades, exus, pretos velhos, foram expulsos (Moreira, 2024, p. 12).

Outras influências da Umbanda Nagô do GUESB

Catimbó do Nordeste

O catimbó do Nordeste é outro atravessamento que compõe a Umbanda Nagô do GUESB, Luzia de Ossain, filha carnal de Mãe Neide, me relatou que “A mãe diz que aqui é catimbó do Nordeste” (diário de campo, 13/05/2023), sendo assim me debrucei sobre essas práticas para entender como apareciam nos ritos praticados no GUESB. O Catimbó do Nordeste é um tipo de culto comum às regiões norte e nordeste do Brasil que traz diversos elementos afro-ameríndios, por isso, Mãe Neide destaca a pajelança como constituinte da sua umbanda. O historiador Luiz Antônio Simas define o Catimbó como:

Vertente fortemente marcada pela tradição xamânica das pajelanças é a do catimbó, um conjunto de práticas rituais abrangendo atividades místicas que envolvem também elementos do cristianismo popular. Com origem do nordeste brasileiro, o catimbó tem como fundamentos mais gerais a crença no poder da bebida sagrada da Jurema e no transe de possessão, em que os mestres vêm dos reinos imateriais do Juremá para trabalhar tomando o corpo dos catimbozeiros (Simas, 2022, p. 61).

Para Pai João Paulo, o catimbó são práticas de cura que envolvem ritos da umbanda e que aconteciam antes mesmo da institucionalização dessa religião (diário de campo, 18/04/2024), interpretando no sentido restrito a palavra Umbanda que “deriva do quimbundo *mbanda*, significando arte de curar por meio de medicina natural ou da medicina sobrenatural” (Oliveira, 2013, p. 92) e corroborando com a fala de Pai João Paulo, saliento que essas práticas já aconteciam com outros nomes e definições, a exemplo do bisavô de santo de Mãe Neide, Zé do Café, era um “curador de pé de toco”, segundo sua neta de santo, Mãe Celina, ele era um preto velho “curador de pé de toco. Não chamava de terreiro nem nada, era curador de pé de toco [eles] sabiam trabalhar no

tempo antigo, curava... curador de pé de toco, cada um morava na sua toczinha, [tinha a] missão, tudo Preto Velho" (Santos, 2023, p. 249).

Mãe Neide explica que seu bisavô de santo era um catimbozeiro:

Os pé de toco que falava era o catimbó do Nordeste, o catimbozeiro, entendeu?

- E as práticas? Quais eram?

Reza de ramo, novena, simpatias, entendeu? Fundamento indígena, muita coisa indígena, traz o catimbó do nordeste, a pajelança. (Entrevista com Mãe Neide em 22/05/2023).

Essas práticas de cura também fazem parte do arquétipo da entidade dos Pretos Velhos que são curadores e benzedores, entidades fundamentais no axé de Mãe Neide que é dirigido por sua Preta Velha Maria Conga. Em seus discursos, a yalorixá sempre salienta o quanto os Pretos Velhos são essenciais para o axé da sua casa “ai de mim, ai dessa casa e de muitos filhos se não tivesse um Preto Velho, uma Preta Velha” (Moreira, 2024, 73), vô Zé do Café era um desses Pretos Velhos que está no parentesco de santo de Mãe Neide e reelabora seu axé com a herança de práticas mágico religiosas do catimbó e da pajelança que são passadas pela oralidade de geração em geração. A jurema, trazida por alguns autores como elemento integrante do catimbó, é também uma prática cultuada no GUESB. Para Salles, algumas das características do catimbó seriam “o uso do fumo e da jurema (bebida), como elementos litúrgicos. Suas sessões eram voltadas para consultas, através das quais se buscava a cura para males físicos, mentais e espirituais, ou para resolver toda a sorte de aflições do cotidiano” (Salles, 2010, 87). No entanto, é necessário pontuar que o ritual da Jurema tem determinadas vertentes ou linhas “Jurema-Caboclo, a Jurema Catimbó, Jurema de Mesa, ou simplesmente Jurema” (Puentes, 2022, p. 50) elaboradas por diversidades de práticas.

Para se falar da Jurema no GUESB, é necessário falar de um encontro entre duas yalorixás e o trânsito entre duas casas de axé. Outro atravessamento que reelabora a Umbanda Nagô a qual pesquisei. Estou falando do Encontro entre Mãe Neide e Mãe Chica Xavier e o trânsito entre o GUESB e o ICERBO – Irmandade Cercado do Boiadeiro – que fica no bairro de Sepetiba no Rio de Janeiro.

Umbanda da Chica

Mãe Neide e Mãe Chica, duas filhas de Iansã, se conheceram em 1999, na ocasião, Mãe Chica teria vindo a Maceió para o lançamento de seu livro “*Chica Xavier conta a sua prosa. Cantigas, louvações e rezas para os orixás* (1999)”. Um filho de santo de Mãe Neide levou Mãe Chica até o GUESB onde foi recebida com uma Gira e Feijoada de Preto Velho. A partir desse encontro, Mãe Neide conta que as duas não se desgrudaram mais. No ano seguinte ela foi convidada por Mãe Chica para a Festa de Caboclo no

Cercado do Boiadeiro e desde então as relações se estreitaram de maneira que a Umbanda da Chica interfere diretamente na Umbanda Nagô de Mãe Neide.

Mãe Chica dizia que Mãe Neide era a “filha pronta” dela. Dessa relação de irmandade e estreitamento de laços entre as duas yalorixás, há o que nomeio de uma troca de filhos consanguíneos e espirituais entre Mãe Chica e Mãe Neide (Moreira, 2024, p. 113). Dos filhos carnis de Mãe Neide – João Paulo de Obaluaê, Ogã Júnior, Luzia de Ossain e Ekedí Naná –, Pai João Paulo de Obaluaê e o Ogã Júnior foram feitos no santo por Mãe Chica respectivamente em 2003 e 2007; Ekedí Naná foi feita no santo por Mãe Christina Xavier em 2007, filha de Mãe Chica; e Mãe Luana Xavier, neta de Mãe Chica e filha de Christina Xavier, foi feita no santo por Mãe Neide e é Mãe de santo de Luzia de Ossain que foi feita em 2010.

Yalorixás	Filho(a) de santo
Mãe Chica Xavier	João Paulo de Obaluaê
Mãe Chica Xavier	Ogã Júnior
Mãe Christina Xavier	Ekedí Naná
Mãe Luana Xavier	Luzia de Ossain
Mãe Neide	Mãe Luana Xavier

Mãe Chica nasceu em 22 de janeiro de 1932 em um terreiro de candomblé em Salvador. Morou na Bahia até 1953 de onde se mudou para o Rio de Janeiro. Mãe Chica foi uma importante yalorixá e atriz brasileira, mulher negra pioneira na tv brasileira e engajada na luta por igualdade étnico-racial. Mãe Chica fez sua passagem em 8 de agosto de 2020.

Mãe Chica começou a construir a Irmandade Cercado do Boiadeiro em 1979 que foi inaugurada em 25 de outubro de 1980. Sobre sua formação religiosa, seu filho de santo e Pai Pequeno do GUESB fala que sua Mãe de santo nasceu em um terreiro de Ketu e foi feita em Ketu e Angola na Bahia (Moreira, 2024, p. 117), segundo meus colaboradores de pesquisa, Mãe Chica não foi raspada porque era abiku⁹.

Ela foi iniciada no Ketu. É tanto que ela se tornou yalorixá, após algum tempo com o falecimento da yalorixá dela, ela não foi raspada porque ela era abiku,

⁹ Pessoas que retornam ao *orun*, mundo espiritual precocemente, ainda crianças. A iniciação ao orixá ainda na infância pode mudar esse destino. “A feitura de um abiku é bem diferenciada. Essas pessoas não podem ter as cabeças raspadas, pois seria um risco de fazê-las passar pelo rito que recria a morte”. (Fontes, 2023, p. 104).

abiku não se raspa... ela foi pra Angola e lá ela continuou, se iniciou [...] Ela era baiana, saiu de Salvador e foi pro Rio (Moreira, 2024, p. 118).

Mãe Chica é madrinha do GUESB e depois do estabelecimento dessa relação entre Mãe Chica e Mãe Neide alguns orixás foram assentados no terreiro como Obá e Tempo que são da Nação Angola e não eram cultuados no GUESB. O Ogã Rodrigo, colaborador de pesquisa me explicou que:

Então, Mãe Neide cuida dos filhos de barriga de Mãe Chica e Mãe Chica cuida dos filhos de barriga de Mãe Neide. Só que Mãe Chica, ela é umbanda com Nagô, mas ela é feita no Ketu e quando ela jogou pros meninos pra ver o santo pra poder fazer, o santo mandou assentar alguns orixás que são específicos de candomblé, mas tem aqui e são zelados também, como eu falei é Obá, Tempo, Oxumarê... a gente trabalha com eles? Também trabalha, mas não é tanto quanto os outros (Moreira, 204, p. 120).

Alguns ritos também foram modificados e reelaborados a partir do trânsito das duas yalorixás (Puentes, 2022) à exemplo do ritual da Jurema que acontece no GUESB e também no ICERBO durante os festejos da festa do Boiadeiro, “Eu já fazia a Jurema há anos, mas com a chegada de Mãe Chica na minha vida, fiz algumas adaptações por considerar que cabiam e nossa religião é transmitida pela oralidade, né minha filha?” (Puentes, 2022, p. 63).

Ketu e Angola

Mãe Neide diz que esse encontro com Mãe Chica é de outras vidas, “eu acho que é uma coisa de vida passada. A minha ligação com Mãe Chica não é desse mundo, não é apenas dessa trajetória” (Moreira, 2024, p. 112). E dessas relações surgiram outras que são as feitura dos filhos de Mãe Neide e da neta de Mãe Chica. Pai João Paulo feito pelas mãos de Mãe Chica e sendo Pai Pequeno do GUESB adota práticas rituais diferentes das praticadas por Mãe Neide. O que Mãe Neide ver com normalidade pois, segundo ela, faz parte da dinâmica do terreiro e “é preciso haver democracia dentro terreiro” (Moreira, 2024, p. 60), sendo assim, a sua Umbanda Nagô do GUESB também é composta por outro atravessamento que é o “pezinho no ketu”:

O que é que acontece, ela vem da nação Ketu, apesar que ela praticava a Umbanda de Chica, que ela dizia que era a Umbanda de Chica, tinha algumas coisas de Ketu, algumas coisas de Angola, tinha algumas coisas de umbanda e umas coisas de candomblé raiz, então ela dizia, eu tenho a minha Umbanda de Chica. quando ela começou a vir pra cá ela fez o santo do meu filho João Paulo. Então o João Paulo ele tem o pé na Umbanda Nagô e um pézinho no Ketu porque foi feito pela Mãe Chica (Moreira, 2024, p. 119).

Todos os filhos de Mãe Neide ocupam um cargo no terreiro de Mãe Chica, assim como Mãe Luana Xavier, neta de Mãe Chica e yalorixá da ICERBO depois da morte da sua avó, quando vem à Maceió conduz as celebrações no GUESB.

Naná é Ekedi do terreiro de Mãe Chica, não é do meu terreiro, Juninho é ogã do terreiro de Mãe Chica, é tudo emprestado pra cá. E como eu posso dizer que eu não tenho o pezinho do Ketu no meu terreiro, se nosso ogã, nosso pai pequeno, uma ekedi, tem o pezinho lá, né? (Moreira, 2024, p. 121).

A antropóloga Cláudia Puentes, Mãe Cláudia de Oyá, que se debruçou sobre o ritual da Jurema sagrada dos dois terreiros, também é exemplo desse trânsito já que primeiro foi filha de santo de Mãe Chica, em 1992, em 2004 foi dada como filha de santo de Mãe Neide e posteriormente, em 2014, foi escolhida por Oxum como Mãe Pequena do GUESB. Nessa relação de fluxos e trânsitos há um compartilhamento de axé entre as duas casas de santo e como aponta a antropóloga Clara Flaksman – ao falar dos encontros de histórias familiares e ancestrais entre orixás e pessoas, nomeada por seus interlocutores como *Enredo* – cada enredo, cada encontro “tem sempre o potencial de lhe acrescentar um novo elemento [...]. Isto não significa que a pessoa estava incompleta: dependendo do ponto de vista, no candomblé, a pessoa, que é fluida, está sempre completa, ou sempre incompleta” (Flaksman, 2018, p. 136). Nesse enredo entre Mãe Neide, Mãe Chica e os seus, a Umbanda Nagô do GUESB e Umbanda da Chica passam por modificações e reelaborações já que “o axé vai sendo passado através da mão” como diz Pai João Paulo de Obaluaê:

O conhecimento base tradicional veio de fora e teve que ser ajustado aqui ao nosso povo, a esse povo misto, né? Então o que acontece é que existe o tronco, o povo banto e iorubá, né? Por ela (Mãe Chica) ter sido iniciada em um casa de Ketu e ao longo do tempo, assim, mais velha ela também foi iniciada no culto Angola, então, ela absorveu essas duas vertentes, esses dois troncos religiosos e isso, o axé ele é repassado, né? Você absorve esse axé. Quando você faz um filho, você tá passando pra ele através da mão, através da feitura, um pouco desse axé, então quando eu falo que eu tenho um pouquinho dessas vertentes e também tenho do Nagô é porque fui criado dentro de uma casa Nagô e a minha família religiosa vem dessa tradição, dessa união de Ketu com Angola (Entrevista com Pai João Paulo em 20/05/2024).

Como Pai João Paulo apontou ao fazer um filho de santo “você repassa esse axé”, sendo assim o seu axé traçado pelas vertentes Nagô, Ketu e Angola é repassado para os filhos de santo feitos por ele no GUESB, intensificando esse “pezinho” nas nações ketu e Angola da Umbanda Nagô do Grupo União Espírita Santa Bárbara.

Considerações finais

Quando iniciei a pesquisa no GUESB para compreender como os meus colaboradores entendiam ou faziam uso da categoria de sincretismo afro-brasileiro, Mãe Neide se colocou como uma mulher miscigenada e sincretizada. Durante a pesquisa de campo, pude entender que ela falava não de uma miscigenação e sincretismo resultado de relações harmônicas pautadas no mito da democracia racial, mas se autodenominava como miscigenada e sincretizada por ser atravessada por diversas histórias que a

constituem como pessoa, yalorixá e constitui a sua tradição religiosa. Ela faz questão de pontuar que a sua casa e a sua umbanda tem fundamento! Nessa direção, é necessário pensar histórias que se cruzam e que formam essa Umbanda traçada com Nagô e com outras nações e cosmologias a partir da “filosofia das diferenças” como sugerido por José Carlos dos Anjos, “a encruzilhada como ponto de encontro de diferentes caminhos que não se fundem numa unidade, mas seguem como pluralidades” (Anjos, 2006, p. 19).

Pensar um modelo único de umbanda e essa umbanda como símbolo da religiosidade brasileira composta por elementos formadores das três raças que se fundem, é negar todas essas histórias e cosmologias que se cruzam em suas multiplicidades e que não formam uma “síntese mulata”, mas que “ao invés de dissolver as diferenças, conecta o diferente ao diferente deixando as diferenças subsistirem como tais” (Anjos, 2006, p. 22).

É necessário reconhecer essas diferentes formas de organização a partir das agências dos seres não humanos porque nisso está o princípio de tudo, pois como me foi falado em campo “A gente pergunta ao orixá se pode fazer, ele quem vai dizer se sim ou não, isso tem a ver com o ancestralidade, não existe o certo ou errado, existe o diferente” (Diário de campo, 19/04/2024) e aqui vale acrescentar outra fala me dita em campo acerca do sincretismo: “Gente, como é que a pessoa vai criar uma história dessa lá a não sei quantos anos atrás? E o orixá dizer que ele é sincretizado por aquilo ali? Lógico, que o negro quando sincretizou, ele não sincretizou à toa, é o orixá que ensinou a ele a fazer isso aí” (Moreira, 2024. p. 90). Portanto, a Umbanda Nagô do GUESB está em constante transformação a partir do direcionamento das entidades espirituais, por meio das práticas e dinâmicas dos dirigentes do terreiro, mãe e filho, com suas diferentes formações religiosas e também através das estratégias organizacionais frente a episódios e contextos de violência como foi o Quebra de Xangô que influenciou diretamente nas reelaborações da tradição seguida pelos ancestrais de Mãe Neide até chegar na Umbanda Nagô que ela cultua e que, como já pontuado, está sempre em fluxo constitutivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, José Carlos dos. *No território da linha cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

ARAÚJO, Clébio Correia de. O candomblé Nagô em Maceió: itinerário de uma identidade em construção. *Cadernos de Pesquisa e Extensão*, v. 1. Arapiraca – UNEAL, 2009.

CAVALCANTI, B. ROGÉRIO, J. Mapeando o Xangô – notas sobre mobilidade espacial e dinâmica simbólica nos terreiros afro-brasileiros em Maceió. *Kulé-Kulé: religiões afro-brasileiras*. Cavalcanti, Bruno César; Fernandes, Clara & Barros, Rachel (orgs.). Maceió: NEAB/EDUFAL, 2008.

FLAKSMAN, Clara. " De sangue" e " de santo": o parentesco no candomblé. *Mana*, v. 24, p. 124-150, 2018.

FONTES, Larissa. *O dom do segredo*. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2023.

MÃE NEIDE. *Wa Jeun: Sabores ancestrais afro-indígenas*. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2023.

MARCANTE, Maicon Fernando. *Coleção perseverança: uma etnografia da mediação no processo de patrimonialização*. 2024. 200 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2023.

MOREIRA, Andresa Monteiro. 2024. 181 f. “*Eu sou uma mulher miscigenada e sou uma mulher sincretizada*”: uma análise das relações entre atores e símbolos “sincreticos” na umbanda Nagô do Grupo União Espírita Santa Bárbara. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2024.

OLIVEIRA, José Henrique Motta de. Uma discussão teórica sobre as interpretações do mito fundador da Umbanda. *Revista Jesus Histórico*. Rio de Janeiro, v. 11, 2013.

PUNTES, Cláudia Cristina Rezende. *Trânsito do Sagrado: da Irmandade do Cercado de Boiadeiro – ICERBO, no Rio de Janeiro – RJ, ao Grupo União Espírita Santa Bárbara – GUESB, em Maceió - AL*. 2023. 160 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.

RAFAEL, Ulisses Neves. *Xangô rezado baixo: Um estudo da perseguição aos terreiros de Alagoas em 1912*. 2004. 266 f. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

SALLES, Sandro Guimarães. O catimbó nordestino: as mesas de cura de ontem e hoje. *Revista de Teologia e Ciências da Religião da Unicap*. Recife, ano IX, 2010, p. 85-105, n. 2 - jul./ dez. 2008.

SANTOS, Maria Franco dos. “*O Axé nunca se quebra*”: Transformações históricas em religiões afro-brasileiras, São Paulo e Maceió (1970-2000). 2ª ed. Maceió: Edufal, 2023.

1912: O Quebra de Xangô. Direção: Siloé de Amorim. Produção: Joabson Santos. Direção de Fotografia: Juarez Cavalcanti. Maceió, 2007. DVD. 52 min.